



SER ANTIFASCISTA, UM COMBATE DE HOJE

O novo ano começou para a URAP com múltiplas iniciativas. Por todo o boletim perpassa uma grande actividade: na luta contra o esquecimento de homens e mulheres que tudo deram à causa da liberdade e por um Portugal melhor; na luta contra o esquecimento do que foram os crimes do fascismo; no alerta contra ensaios de iniciativas neonazis; no apelo a que mais antifascistas se juntem a nós; na luta para dar a conhecer, às novas gerações, o que foi de facto a história destes 48 anos tão sinistros e tão cinzentos.

Há quem pense que a URAP é uma organização só para os que resistiram durante o fascismo, para os mais idosos, mas não corresponde à verdade. A URAP é para todos os antifascistas: os que lutaram e os que lutam para que o fascismo não volte à nossa terra.

Era assim que a caracterizavam os seus fundadores, vários que tinham estado no Tarrafal e noutras prisões e que, pela sua longa experiência de vida e de luta, acharam que a URAP fazia falta a Portugal, mesmo liberto do fascismo. Porque sabiam que os fascistas não desaparecem tão facilmente, que encontrando terreno favorável, deitam logo as suas garras de fora.

Aurélio Santos, em intervenções e textos, chamou várias vezes à atenção que «só uma grave ou leviana incompreensão da História pode levar à convicção que a derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial pôs em definitivo o mundo ao abrigo de regimes autoritários ou ditatoriais que restabeleçam os métodos e as políticas que o fascismo quis impor ao mundo na sua versão do século XX».

A História não se repete, mas os ensinamentos da História são muito importantes para a luta que travamos hoje.

Nestes 45 anos do 25 de Abril, em que iremos contactar milhares de jovens nas escolas, em que lhes iremos falar do Portugal da ditadura fascista, vamos apelar também à sua participação nas iniciativas da URAP, num combate que é de todos, para que aquela que foi a longa noite fascista não volte mais.

Nestes tempos conturbados, em que o Mundo deu grandes passos atrás, a URAP não vai baixar os braços. Continuará no seu caminho de luta, com a convicção de que, por muito que nos pareça difícil e leve tempo, serão sempre os povos a ter a última palavra.

Marília Villaverde Cabral



ROTEIRO ANTIFASCISTA PERCORRE O PAÍS - pág. 3

O livro editado pela URAP «Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta», que já vai na 4.ª edição, está a ser apresentado em todo o País

HOMENAGEM AOS TARRAFALISTAS - pág. 7

MJT EM LIVRO - pág. 7

URAP com intensa actividade

PRESERVAR A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA

A URAP tem desenvolvido nos últimos meses uma intensa actividade, quer promovida centralmente quer pelos seus núcleos.

De 25 a 27 de Janeiro realizou-se a **visita colectiva à exposição** «Auschwitz – Não há muito tempo. Não muito longe», em Madrid. Os sócios e amigos da URAP presentes evocaram a libertação do campo de concentração de Auschwitz pelas tropas soviéticas, há 74 anos, e durante os três dias que permaneceram na capital espanhola deslocaram-se igualmente ao Museu do Prado, a comemorar 200 anos.



A exposição, que decorreu no Centro de Exposiciones Arte Canal, pretende dar a volta ao mundo durante os próximos sete anos, em grandes museus. A mostra teve o apoio do Museu Estatal de Auschwitz, situado a 43 quilómetros da cidade de Cracóvia, que autorizou o empréstimo de várias peças e objectos pessoais que pertenceram às vítimas do Holocausto, e contou com a colaboração de mais de 20 instituições, museus e colecionistas privados de diferentes países. Tem sido uma das exposições mais visitadas do ano.

Uma noite de convívio, poesia, música, histórias de resistência ao fascismo e pela



paz e democracia no pós-25 de Abril foi organizada pela URAP em **Cruz de Pau**, Seixal, no dia 23 de Novembro último. A coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, e José Pedro Soares, membro da direcção e ex-presos político, estiveram presentes. Os participantes aplaudiram o canto alentejano interpretado pelo Grupo Operário Alentejano do CCD das Paivas e a poesia de Helena Moleiro e escutaram Jorge Silva, ex-operário e autarca, falar das lutas nas empresas do concelho e Adelino Tavares acerca do papel das colectividades de cultura e recreio na resistência ao fascismo.

O **núcleo do Porto**, no âmbito do projecto Do Heroísmo a Firmeza, dedicado à musealização da antiga sede da PIDE no Porto, tem promovido um vasto conjunto de iniciativas a decorrer naquele espaço, entre as quais um ciclo de cinema, iniciado em Outubro do ano passado e realizado de 15 em 15 dias. Até ao momento, foram projectados filmes baseados em livros de autores portugueses nos quais se aborda vários aspectos que caracterizavam o fascismo. Do programa constam filmes como Sinais de Fogo (a partir de Jorge de Sena), Uma abelha na chuva (Carlos de Oliveira), A Balada da Praia dos Cães (José Cardoso Pires), A Costa dos Murmúrios (Lídia Jorge), Sem Sombra de Pecado (David Mourão-Ferreira) ou Manhã



Submersa (Virgílio Ferreira). A par destas têm-se realizado outras iniciativas, como visitas guiadas, recolha de depoimentos e documentos que enriquecem o espólio e o aprofundamento da análise do registo de presos feito junto da Torre do Tombo: 7600 foi o número do primeiro levantamento feito de presos que passaram pelas prisões do Heroísmo

O Museu do Aljube foi o local escolhido pelo **núcleo da URAP de Montemor-o-Novo** para uma visita guiada, dia 14 de Dezembro, com a participação de Adelino Pereira da Silva, ex-presos político. O Museu do Aljube – Resistência e Liberdade foi inaugurado em 25 de Abril de 2015. Antiga cadeia do Aljube, em Lisboa, foi um estabelecimento prisional que recebeu presos do foro eclesiástico até 1820, mulheres acusadas de delitos comuns até aos finais da década de 1920 e presos políticos antifascistas a partir de 1928 até ao seu encerramento em 1965.

O espaço, que albergou uma antiga prisão política da ditadura militar e do “Estado Novo”, presta agora homenagem à resistência e à liberdade através do Museu do Aljube.

O **núcleo de Lisboa** realiza uma visita a este museu no dia 23 de Março.

A Casa do Alentejo, para além da beleza do palácio do século XVII, é um local usado para promoção e divulgação da cultura alentejana, e apoia igualmente a realização de reuniões e palestras de âmbito nacional. Desse modo, o **núcleo de Queluz da URAP** escolheu organizar uma visita ao local, dia 31 de Janeiro, que foi guiada pela vice-presidente, Rosa Calado.

URAP
Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES
ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**
Membro da Federação
Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2
1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

LIVRO SOBRE PENICHE CHEGA LONGE ROTEIRO ANTIFASCISTA PERCORRE O PAÍS



A URAP criou o Roteiro Antifascista a fim de promover a 4.ª edição do livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta». Percorreu grande parte do País, organizando sessões às quais assistiram muitos sócios, amigos e democratas. Contou com a colaboração de vários oradores, membros da URAP, ex-presos políticos e outros antifascistas, e pessoas da cultura, como cantores, músicos ou declamadores.

A quarta edição, revista, traz o nome das 2499 pessoas que estiveram detidas em Peniche, num levantamento feito pela URAP. O Roteiro Antifascista termina a 25 de Abril de 2019. Nos últimos meses realizaram-se diversas sessões, nas quais participaram cerca de 800 pessoas e se venderam largas dezenas de livros:

10 de Março, sessão no Ginásio Atlético Clube, na **Baixa da Banheira** (Moita), com a participação de Álvaro Pato e José Pedro Soares, da URAP e ex-presos políticos;

23 de Fevereiro, no **Torrão** (Alcácer do Sal) com Adelino Pereira da Silva e Vítor Dias, da URAP, na sala da Biblioteca Maria Rosa Colaço, dirigida por Joaquim Bichana. Na mesa encontrava-se Nuno Pestana, vereador da Câmara Municipal;

22 de Fevereiro, na Biblioteca Municipal da **Figueira da Foz**, com José Sarabando e Jorge Seabra;

21 de Fevereiro, no Ateneu de **Coimbra**, com Domingos Lobo e Manuel Louzã Henriques;

20 de Fevereiro, em **Massamá-Queluz** (Sintra);

16 de Fevereiro, em **Casebres** (Alcácer do Sal), com Eulália Miranda, da URAP;

16 de Fevereiro, em **Alvalade do Sado** (Santiago do Cacém);

15 de Fevereiro, na Biblioteca Municipal de **Aveiro**, organizada pelo núcleo local da URAP. Contou com dezenas de participantes, diversas intervenções e testemunhos;

10 de Fevereiro, em **Monteito**, no Edifício da Antiga Telescola, com Eulália Miranda e Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP;

9 de Fevereiro, em **Santiago do Escoural**, com Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva. Margarida Machado presidiu à sessão, no salão da Junta de Freguesia;

9 de Fevereiro, em **Alcáçovas** (Viana do Alentejo) dirigida por Vera Furão, na Sociedade União Alcáçovas, com Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva;

9 de Fevereiro, em **S. João da Madeira**, na Biblioteca Municipal, apresentada por Sónia Duarte, com Daniel Vieira, familiar de ex-presos políticos, e Maria José Ribeiro, dirigente da URAP e ex-presos política.

8 de Fevereiro, no salão da Junta de Freguesia de **Espinho**, com Fausto Neves e José Pedro Soares. Falou-se igualmente sobre as comemorações dos 45 anos do 25 de Abril e a actualidade;

8 de Fevereiro, em **Cabeção** (Mora), no salão da Junta de Freguesia, com Eulália Miranda e Manuel Candeias, ex-presos político;

26 de Janeiro, em **Avis**, na Biblioteca Municipal, com José Marcelino e Eduardo Baptista, ex-presos políticos;

26 de Janeiro, em **Campo Maior**, na sala da CURPI, com José Marcelino e Eduardo Baptista, ex-presos políticos;

19 de Janeiro, em **Ferreira do Alentejo**, com Manuel Candeias e Rosa Honrado Calado, da URAP e vice-presidente da Casa do Alentejo. Foi aberta pela directora da Biblioteca Municipal de Ferreira, que se encontrava também em representação do presidente da Câmara Municipal, Luís António Pita Ameixa;

18 de Janeiro, em **Cabeça Gorda** (Beja) na Casa do Cante Alentejano, com José Pedro Soares, Mário Araújo e Manuel Oliveira;

18 de Janeiro, em **Baleizão** (Beja), na escola primária, com José Pedro Soares e Mário Araújo;

12 de Janeiro, no Salão da Junta de Freguesia de **Parada da Todeia** (Paredes), com José Pedro Soares;

11 de Janeiro, em **S. Mamede de Infesta** (Matosinhos). Participaram Maria José Ribeiro, José Pedro Soares e Celestina Leão, membros dos corpos sociais da URAP, e Pedro Brandão, membro da União de Freguesias de S. Mamede Infesta e Senhora da Hora, que dirigiu a sessão.

.....

Estavam ainda previstas

15 de Março às 21h30, **Valbom** (Gondomar), com António Vilarigues, da URAP.

16 de Março às 15h00, **Paredes**, com António Vilarigues.

22 de Março, **Alverca do Ribatejo**.

COMUNICAÇÃO SOCIAL UM COMBATE DOS NOSSOS DIAS

Estamos em ano de eleições. A comunicação social é reflexo disso e não é por acaso que têm surgido algumas «notícias» e «reportagens» orientadas não por interesses informativos mas por outros nada inocentes. É neste quadro que devemos interpretar o descaramento da TVI ao promover um reputado criminoso fascista, já acusado e condenado judicialmente, como figura principal de um programa em que se abordava o fascismo como um inócuo episódio da nossa História. E aí temos também essa mesma TVI a promover programas de invenções e calúnias contra autarcas e câmaras da CDU.

Coisas destas e parecidas continuarão a acontecer. Os saudosos do fascismo, ou defensores de regimes que não usem tal nome e se disfarcem de outras roupagens mais modernas, não desistem.

Temos de estar alerta. É importante lembrar que os média são um factor com muita influência nas opiniões e opções das



pessoas, incluindo as que não são leitores, ouvintes ou telespectadores habituais. Porque aquilo que se vê, ouve ou lê (incluindo os que apenas vêem as primeiras páginas dos jornais expostos nas bancas...) acaba por chegar e influenciar muitos outros.

Notícias negativas

Todos conhecemos a frequência com que os telejornais recorrem, logo a abrir, às chamadas «notícias negativas», e que também enchem as capas de certos

jornais: desastres, crimes, assaltos e outras desgraças, assim destacando e exagerando o que corre mal e subvalorizando ou escondendo o que é positivo e construtivo – na política, na escola, na saúde, nas empresas, em todo o lado. E embrulhando tudo isto num manto de sensacionalismo, se possível com gritos, lágrimas e todos os adereços necessários a tornar a coisa atractiva.

Isto acontece, por um lado, por razões que estudiosos da comunicação há muito investigaram, que têm a ver com o maior interesse que, em geral, as pessoas têm por todas as informações relacionadas com o



que é anormal, isto é, foge à normalidade da vida quotidiana. Como o objectivo da comunicação social no sistema capitalista é a conquista de audiências, que quanto maiores forem mais publicidade atraem – e são os anúncios que contribuem decisivamente para os lucros –, as notícias negativas acabam por ser o seu prato favorito.

Mas para além do negócio há também outro factor de natureza política e ideológica que leva à preferência dada pelos média dominantes às notícias negativas. Está cientificamente provado por estudos da psicologia do comportamento que este tipo de notícias leva frequentemente os telespectadores, ouvintes e leitores à depressão, ao desencanto, ao pessimismo, ao conformismo. Deste estado de espírito resulta uma sensação de impotência ou mesmo de medo que facilmente conduz à resignação, à descrença, à passividade – ou seja, a estados de espírito muito convenientes ao grande poder económico e às políticas e políticos ao seu serviço, para quem a ausência de contestação e a inércia são sempre um desejado e precioso bálsamo...

Isto acontece mais frequentemente nas pessoas que já a isso estão predispostas pela sua personalidade, ou então devido a doença, idade avançada, graves problemas

pessoais. Casos estes que, no entanto, muitas vezes poderão ser ultrapassados com a ajuda de terceiros, quer uma ajuda especializada médica ou psicológica, quer, em muitas outras situações, de familiares, amigos e companheiros. E assim vencendo o conformismo que alguns pretendem instalar para seu próprio benefício.

Quem manda

Os problemas na informação não estão na comunicação social mas sim em quem manda nela. E quem manda não são os jornalistas, mas sim os grandes grupos económicos, nacionais e estrangeiros. Claro que há alguns jornalistas que obedecem alegremente ao dono, se juntam a ele e dão a cara por ele, mas a maioria são proletários da informação, com cursos superiores mas mal pagos, tal como muitos outros trabalhadores explorados deste país,

jovens e menos jovens, com muita ou pouca instrução, operários ou intelectuais.

Os grandes meios de comunicação social que dominam a informação estão nas mãos de uns poucos: todos os canais de TV, excepto os da RTP, que pertence ao Estado e faz parte do serviço público, tal como a agência Lusa; todos os canais de rádios nacionais e dezenas de regionais, excepto o que pertence à Igreja (grupo Renascença) e à RTP; todas as revistas semanais de entretenimento, femininas e de TV, que enchem os escaparates dos postos de venda, as salas de espera dos consultórios, cabeleireiros e barbeiros, etc. A sua influência de massas é enorme. Tanto pelo que dizem e como o dizem, mas também pelo que não dizem e fica escondido.

O combate por uma nova informação é também, como outros, um combate dos nossos dias.

Fernando Correia, jornalista



URAP CONTRA O BRANQUEAMENTO DO FASCISMO



A URAP manifestou, no início do ano, as suas preocupações acerca de um conjunto de eventos que branqueavam e legitimavam a ideologia fascista. Em causa estava a manifestação prevista para 1 de Fevereiro promovida por forças saudosistas da ditadura e a entrevista concedida à TVI pelo líder de extrema-direita Mário Machado, que cumpriu pena de prisão por crimes de sequestro, detenção de arma proibida e violência racial que culminou com homicídio. Relativamente à manifestação, a URAP enviou uma missiva ao presidente da Assembleia da República, presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais da Assembleia da República, ministro da Administração Interna, Procuradora-Geral da República no sentido de

não a autorizar. Quanto à entrevista, endereçou uma queixa à Entidade Reguladora da Comunicação Social. Face à posição assumida por esta, que não viu qualquer problema na dita entrevista, a URAP acusou a ERC de se refugiar em «formalismos jurídicos» para se abster de actuar perante o que efectivamente está em causa: a difusão por uma estação de televisão portuguesa de concepções fascizantes contrárias ao texto da Constituição da República Portuguesa.

BRUXELAS E ROMA

URAP PARTICIPA EM INICIATIVAS INTERNACIONAIS

«A extrema-direita e o fascismo – que foram derrotados pela luta dos povos no século XX – estão a surgir de novo na Europa, ao mesmo tempo que o anticomunismo e a falsificação da História estão a assumir cada vez mais um carácter “institucionalizado”, incluindo na própria União Europeia», disse o representante da URAP na conferência «Resistência Local contra a Extrema-Direita na Europa». Francisco Canelas esteve a convite do Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde, dia 30 de Janeiro, no Parlamento Europeu, em **Bruxelas**, onde decorreu a conferência, em que participaram ainda delegações da Alemanha, Áustria, França, Itália, Hungria, Polónia, Finlândia, Grécia, Croácia, Bélgica, Espanha, Galiza e Letónia.



Referindo-se a Portugal, Francisco Canelas lembrou que «o facto de ter vivido 48 de ditadura fascista e ter realizado uma revolução com profundas raízes populares e que foi responsável por profundas transformações democráticas, faz com que tenha, de certa forma e até ao momento, passado à margem destes fenómenos». «Também nós, na URAP, consideramos que as forças e interesses dominantes da União Europeia não podem conter esta ameaça, porque são precisamente as suas políticas que as promovem e alimentam», concluiu.

Antes, entre 14 e 15 de Dezembro, o presidente da Mesa da Assembleia-Geral da URAP, Levy Baptista, participou na Conferência Europeia «Ser Antifascista

Hoje na Europa – Emergência Democrática: uma resposta unitária e popular ao velho e novo fascismo», que decorreu em **Roma**, sob os auspícios da Associação Nacional dos Resistentes de Itália (ANPI). Na sua intervenção, o representante da URAP realçou que a «defesa dos direitos humanos é, para os antifascistas, um ponto-chave na defesa da liberdade democrática, que está hoje sob ataque, sob formas novas, mais sofisticadas, através das novas tecnologias de informação e comunicação».

A conferência, que contou com uma saudação da democrata brasileira Manuela d'Ávila, foi aberta pelo resistente e dirigente político Aldo Tortorella e encerrada por Carla Nespolo, presidente nacional da ANPI.



EXEMPLOS QUE PERMANECEM



Maria Lucília Estanco Louro, professora, historiadora e resistente antifascista, nascida em Beja, morreu dia 27 de Dezembro, em Lisboa, aos 96 anos. Pertenceu à Associação Feminina Portuguesa para a Paz (AFPP) e era a única sobrevivente do grupo que, em finais da década de 1930/inícios de 40, participou nos passeios do Tejo. Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas

pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi uma referência enquanto docente. Entre muitas acções antes e depois de Abril, participou na campanha de Humberto Delgado, subscreveu as listas da Oposição Democrática, era filiada no PCP, sócia da Associação de Amizade Portugal-Cuba e do Conselho Português para a Paz e Cooperação.



Catalina Pestana, antiga provedora da Casa da Pia de Lisboa e acérrima defensora das crianças vítimas de assédio sexual naquela instituição, morreu em Lisboa a 22 de Dezembro aos 72 anos. Natural do Barreiro, foi uma das organizadoras de campos de férias para os filhos de presos políticos. Era licenciada em Filosofia pela Universidade de Letras de Lisboa e mestra em Psicologia Educacional. Participou em iniciativas da URAP e foi membro fundador da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP).

POR INICIATIVA DA URAP MOVIMENTO DA JUVENTUDE TRABALHADORA REGISTADO EM LIVRO

O livro «MJT e a Luta dos Jovens Trabalhadores – Fios de Memórias», editado agora pela URAP, consiste num registo de acontecimentos vividos por um conjunto de jovens que, em determinado momento das suas vidas, sentiram que não podiam ficar impávidos perante as injustiças e a brutalidade do fascismo e juntaram-se para dar expressão a essa vontade de lutar. O livro consiste em testemunhos e documentação sobre a actividade dos jovens trabalhadores, e em particular o Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT), na luta contra a ditadura e, depois, na revolução de Abril.

O MJT tinha como características principais o seu carácter amplamente unitário e formas de trabalho e organização maleáveis e voltadas para as massas, sendo

que antes do 25 de Abril assumia soluções de actuação legais e semi-legais. A partir da Revolução, criou-se uma estrutura nacional e publicava-se mensalmente o jornal «Jovem Trabalhador».

A primeira sessão de lançamento do livro decorreu a 9 de Fevereiro na Voz do Operário, em Lisboa, com a presença de mais de 200 pessoas. No local estava patente uma exposição dando conta da actividade do MJT.

A apresentação do livro foi feita por Palmira Areal, antigo membro do MJT e da Comissão Organizadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, falou da necessidade de preservar a história e a memória, sublinhando que ela, também, enquanto tal, não deixa de visar os



complexos tempos presentes que vivemos e a necessidade da luta e da organização dos jovens trabalhadores nos dias de hoje para as quais a importante actividade da URAP em muito contribui.

José Pedro Soares, ex-presos político e da direcção da URAP, numa intervenção emocionada, referiu os tempos da ditadura, da opressão, das prisões, das formas de organização, da resistência, do papel da juventude. O orador, um dos libertados de Peniche com a revolução de Abril, nomeou muitos dos principais activistas, alguns dos quais já morreram, perante os aplausos dos presentes.

A sessão terminou com um lanche de convívio, após um momento cultural com a poesia dos jograis Domingos Lobo e Manuel Diogo e a música Pedro Salvador e Tiago Santos.

No Porto, a apresentação realizou-se a 16 de Fevereiro, nas instalações da Árvore-Cooperativa Cultural.



HOMENAGEM AOS TARRAFALISTAS

«O Tarrafal não foi um sonho mau; foi um crime tremendo, friamente meditado e friamente executado», disse Ana Pato, citando Francisco Miguel, o último sobrevivente a sair do Tarrafal, em 1953. A dirigente da URAP falava na homenagem anual junto aos restos mortais dos 32 antifascistas portugueses trasladados, em 1978, do Campo da Morte Lenta para o Mausoléu dos Tarrafalistas, dia 23 de Fevereiro, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

A dirigente antifascista lembrou que «o Tarrafal foi um campo de morte, o “campo da morte lenta”, um campo de concentração criado à imagem dos campos de concentração nazi». Hoje,



reclama-se a intervenção da URAP sobre o momento presente, afirmou, lembrando que ela é de todos quantos hoje lutam pela liberdade e a democracia. Ana Pato apelou ao reforço da URAP, recordando no final que «o momento actual exige compromisso e acção de cada um de nós».

A cerimónia foi apresentada por Nuno Figueira, da direcção da URAP, e contou com um momento de musical com Pedro Salvador, que cantou José Afonso. Actuaram ainda a actriz Marina Albuquerque, que disse poesia de vários autores, e o Coro Lopes-Graça.

MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE, EM PENICHE PRIMEIRA FASE CONCLUÍDA A 27 DE ABRIL. TODOS À INAUGURAÇÃO!

A primeira fase do Museu Nacional Resistência e Liberdade, a ser instalado no Forte de Peniche, é inaugurada no próximo dia 27 de Abril, data em que se assinala o 45.º aniversário da libertação dos presos políticos que ali se encontravam. Do programa consta também a inauguração de um memorial aos resistentes antifascistas que passaram por aquela que era uma das mais importantes prisões do fascismo: na

peça escultórica, estarão inscritos os nomes de todos os presos políticos em Peniche, a partir do levantamento efectuado pela URAP, recordados igualmente no livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta».

Há excursões organizadas a partir de vários pontos do País. Estão confirmadas até ao momento, no distrito de Lisboa, excursões a partir de Lisboa; Mem-Martins/

Rio de Mouro/ Sintra; Montelavar/ Pero Pinheiro/ Almagem do Bispo; Queluz; Cacém; Amadora; Vila Franca de Xira. No distrito de Setúbal, com partida do Barreiro; Palmela/ Setúbal; Seixal.

Dado o elevado significado das iniciativas que se realizam neste dia, é fundamental que todos os que defendem a democracia e a liberdade compareçam, inscrevendo-se através do endereço geral@urap.pt.

URAP participa, por ocasião da comemoração do **45.º aniversário da Revolução de Abril**, em sessões e debates em escolas de todo o País com a participação de resistentes antifascistas e ex-presos políticos, que levam o seu testemunho do que representou a repressão fascista e a luta pela liberdade. Os interessados deverão contactar a URAP através do endereço de correio electrónico geral@urap.pt.

As sessões iniciaram-se em Loures, nos dias 12 de 13 de Março, nas instalações do IPTRANS - Instituto Profissional de Transportes, destinadas cerca de 65 alunos do 10.º e 11.º anos. Promovidos pela Câmara Municipal de Loures, os debates contaram com a participação dos ex-presos políticos José Marcelino, Eduardo Brissos e Humberto Rui Moreira, que falaram sobre as lutas que antecederam o 25 de Abril, a repressão fascista e a necessidade das novas gerações estarem atentas dado que nem mesmo a liberdade é um valor definitivo.

Actividades previstas

22 de Março, 22h00, exibição do filme Raiva, de Sérgio Trefaut, na biblioteca municipal de Águeda.

23 de Março, 10h00, visita ao Museu do Aljube promovida pelo núcleo de Lisboa, com Adelino Pereira da Silva.

13 de Abril, almoço em Peniche, com José Pedro Soares e um militar de Abril.

13 de Abril, 16h00, debate em Aveiro sobre «populismo e fascismo», no Auditório Municipal, com o jornalista José Goulão.

13 de Abril, 21h00, debate em Ovar sobre «populismo e fascismo», no Auditório Municipal, com o jornalista José Goulão.

ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP

A URAP realizou a sua Assembleia-geral (AG) electiva no passado dia 30 de Março, nas instalações da Biblioteca Museu-República e Resistência. Dado os prazos de fecho da presente edição, a AG será noticiada no próximo número do boletim.

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses



Desconto sobre desconto em combustível

O cartão que lhe permite poupar mais sempre que abastece

Com o Cartão Associação Mutualista Montepio Repsol é certo que vai poupar mais. Porque além do habitual desconto de 6 cêntimos, este cartão permite acumular outros descontos e vantagens em vigor nas estações de serviço Repsol aderentes. São descontos sobre descontos, no caminho de vantagens que é ser nosso Associado.

E ao abastecer com combustíveis Repsol Neotech no mês de aniversário da Associação Mutualista ganha pontos a dobrar no seu cartão Repsolmove.

Informe-se já em montepio.org

PUB



Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos